



O reencontro da primeira turma de Direito da Puc

MORAES, Iria Marly de. O reencontro da primeira turma de Direito da Puc: 25 anos depois, escondendo as barrigas, mas satisfeitos. Correio Popular, Campinas, 16 maio, 1982.

Texto: Iria Marly de Moraes

Fotos: Toninho Perri

Os primeiros "penduras" dados nos restaurantes de Campinas; a criação do Centro Acadêmico XVI de Abril (com a data escolhida por ser a da ordenação sacerdotal de monsenhor Salim); as repúblicas estudantis que brigavam com o prefeito Ruy Novaes para não sair da avenida Francisco Glicério... Lembranças dos anos 50, revividas neste fim de semana, pelos primeiros formados pela Faculdade de Direito da PUC de Campinas, que comemoraram o Jubileu de Prata de sua formatura. Foram 78 paraninfados por Carlos Foot Guimarães, tendo ainda como patrono monsenhor Emilio José Salim.

Neste fim de semana, no Novotel, quase quarenta daqueles moços de 1956 recordaram a viagem feita de trem para a Bolívia; a taça de basquete ganha no campeonato estadual; as partidas de futebol que tinham até alguns jogadores profissionais da Ponte e do Guarani. Na manhã de ontem, porém, nos campos e piscinas do Novotel, a maior preocupação nem era de fazer gols, mas de não ser enquadrado no time dos velhos, além de esconder a barriga e conseguir vencer os quinze metros rasos de natação sem qualquer descanso.

Os moços de 1956 também foram, à tarde, visitar os túmulos de outros moços de 56, os colegas falecidos como Elton César, Azail Adamir Soares, Benedito Artur Sampaio, José Gabriel Barros Penteado e Celso José Fernandes de Almeida. Hoje eles visitam a Pontifícia Universidade Católica pouco mais que embrionária em sua época, e serão ciceroneados por dois moços de 1956: o atual reitor Heitor Regina e o secretário-geral da Universidade, José Antonio Trevisam.

Nomes conhecidos não faltam naquela turma pioneira. Mas, se os nomes são até famosos, os rostos já são bastante diferentes, 25 anos depois. Tanto que muitos precisaram se apresentar (ou reapresentar) aos colegas, chegando ao Novotel. E depois precisaram contar por onde têm andado: os primeiros advogados formados pela PUC estão hoje espalhados por todo o Brasil, tanto que à comemoração do Jubileu compareceram residentes em todo o Interior do Estado, em Minas Gerais e até em Brasília.

E os professores: Quem não se lembra!

De calção vermelho com listras brancas, Heitor Regina tenta chutar a bola de futebol; na beira da piscina, José Antônio Trevisan toma sol enquanto se prepara para o campeonato de natação; no saguão do Novotel, Álvaro Raghianti recebe os últimos colegas que ainda chegam na manhã de sábado; no restaurante acabam de tomar café José Francisco Bastos Silva, Mário Zucato Filho, Nelson Thomé Seraphim e Edmur Carlos Gonçalves de Oliveira. No campo de futebol, na beira da piscina, no saguão ou restaurante, o assunto é sempre o mesmo: os bons tempos passados, quando esses senhores respeitáveis eram todos irreverentes universitários.

Ao comemorar o Jubileu de Prata de sua formatura em Direito, os que não moram mais em Campinas, como Bastos Silva (Araraquara), Zucato (Uberaba), Seraphim (ou "Sacha", de General Salgado) e Edmur (Brasília) concordam num ponto: a cidade em que estudaram cresceu demais, "antes era muito mais agradável, naquele tempo em que o Cambuí era bairro chique". Além de Direito, a Universidade Católica só tinha os cursos de Odontologia e Filosofia, Ciências e Letras, mas a vida dos estudantes da década de 50 tinha pelo menos um ponto em comum com a dos de hoje. Não conseguiam "penetrar" a sociedade campineira tradicional e fechada para quem vêm de fora.

Mas na maior parte das coisas encontra-se diferenças. Aqueles estudantes só estudavam mesmo. Edmur Gonçalves de Oliveira, que ainda trabalhava de tarde e estudava também Sociologia, à noite em São Paulo, era uma exceção. Depois da escola, o emprego era garantido.

Os estudantes da primeira turma formada pela Faculdade de Direito da PUC também faziam (e eram incentivados a fazer) política. Não como hoje, eles afirmam, mas política acadêmica de fato. "O contingente de estudantes em Campinas era pequeno — lembra Bastos Silva — e a nossa profissão era de estudante mesmo. Nem podia ser diferente: só quem tinha média nas provas orais e escritas tinha direito a fazer o exame em primeira época; se tivesse faltas ia para segunda época". Álvaro Raghianti apóia, e acrescenta: "Os estudantes de hoje não têm mais tanta participação acadêmica, querem mais resolver os problemas do País..."

Hoje, os respeitáveis bacharéis em Direito

Início da década de 50. Hollywood exportava Errol Flynn e Rita Hayworth diretamente para as matinês dominicais do Cine Voga. Na esquina do Café do Povo, ouvia-se a Rádio Nacional, onde Marlene e Emilinha duelavam pela preferência popular. O artista José de Angelis retirava as pinturas da Igreja do Rosário para que fosse derrubada. O prefeito Ruy Novaes tratava de alargar a avenida Francisco Glicério, demolindo os acanhados prédios antigos. Os bondes cruzavam a cidade pequena e tradicionalista, levando os primeiros alunos de Direito para nova escola que já se transformava em orgulho da cidade — a Universidade Católica.

A Campinas burguesa da época votava na UDN, quando quase uma centena de moços atraídos de todas as cidades da região e até mais distantes enfrentavam provas de Português, Latim, Francês e Inglês. No final de 1951, eles prestavam vestibular para o curso iniciado em 1952 por iniciativa de monsenhor Emílio José Salim, já conhecido pela atuação da Católica de São Paulo.

E o primeiro reitor da Universidade Católica de Campinas escolheu a dedo o corpo docente para o curso de Direito. Começava pelo diretor, professor Carlos Foot Guimaraes; passava pelo docente de Deontologia, o hoje cardeal Agnello Rossi; encontrava nomes respeitados nacionalmente já na época, como do titular de Direito Internacional Público, Dalmo Belfort de Mattos; adquiria fama ao contratar Cesarino Júnior para lecionar Direito do Trabalho ou Legislação Social; e incentivava novos valores, ao indicar para Direito Internacional Privado e para Processo Civil respectivamente Gama e Silva e Alfredo Buzaid.

Para chegar a fazer as provas orais e escritas com esses professores, os candidatos a alunos precisavam antes enfrentar o temido professor Benedito Ribeiro Sampaio, hoje nome de escola, que fazia o exame vestibular. Além de estudar, a maioria dos moços alunos de Direito só pretendia mesmo ser convidado para os bailes do Tênis Clube, ou conseguir um convite passado por cima do muro por quem já tinha conseguido entrar para dançar com as moças filhas de famílias que, se não tinham obrigatoriamente tanto dinheiro, podiam exibir orgulhosos sobrenomes que já haviam pertencido aos barões do café.



Um reencontro marcado por emoções, saudades e muitas histórias contadas do tempo escolar



OS ALUNOS participavam mais. Correio Popular, Campinas, 16 maio, 1982.

Os alunos participavam mais

Ligado ao Partido Acadêmico Renovador, o PAR tachado de "situação" pelos integrantes da rival Aliança Democrática Acadêmica que fazia oposição a monsenhor Emílio José Salim, um estudante de Direito da Universidade Católica já revelava vocação administrativa-financeira. No início da década de 50, a primeira diretoria do recém fundado Centro Acadêmico XVI de Abril tinha como segundo tesoureiro o aluno Heitor Regina.

— "Mas o PAR não era de situação, não, isso é intriga", retruca o ex-estudante e atual reitor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Ele concorda, porém, que a participação dos estudantes na vida da nascente universidade era muito mais ampla que hoje: "Não dá nem para comparar; são dois mundos completamente diferentes".

Para ele, a própria estrutura da universidade é que determinou essas modificações. "A universidade era muito pequena, os alunos ficavam em contato mais direto com os problemas. Hoje ela é um monstro, diversificou-se demais. Naquela época também eram poucos os cursos, o mínimo para que fosse universidade. Agora mesmo havendo problemas comuns, os estudantes passaram a ver mais as dificuldades específicas de cada curso. Como a universidade cresceu muito, há uma concentração por unidades acadêmicas".

Crescimento desordenado

— "Do nosso tempo para hoje, a universidade passou por duas etapas de crescimento, explica o reitor. A primeira fase, de crescimento natural, foi a que ocorreu até o final da década de 60. A partir de 69, mas principalmente nos anos 70, então já como Pontifícia, a universidade se agigantou "desordenadamente, ela inchou, com as conseqüências que estamos sentindo hoje".

Heitor Regina destaca que a expansão do ensino superior era quase inevitável, uma exigência dos milhares de excedentes dos vestibulares da época. "Mas do modo que se processou a reforma, sem um adequado planejamento, hoje esbarramos num outro problema: o do excedente diplomado, o formado desempregado". Nesse sentido, ele destaca uma das diferenças da vida acadêmica de seu tempo de estudante com a de agora. Os alunos da década de 50 não precisavam se preocupar com a colocação posterior no mercado de trabalho, o que aconteceria normalmente, ao contrário de um tempo em que a utilização do diploma é o maior drama dos universitários.

Retomada da qualidade

— "Assim, a década de 80 será fundamental na revisão da universidade, a mudança para a qualidade. Penso que a Universidade deve incrementar a pesquisa, para criar novos mercados de trabalho". Ele reconhece que nesse campo, o da pesquisa, a Puc terá que investir muito, já que hoje sua participação no setor é nula.

Mas não é apenas com o incentivo à pesquisa que as mudanças se processarão. O reitor destaca que, basicamente, a universidade buscará sua integração com a comunidade, além de buscar mais a participação de seus alunos, professores e funcionários para decisões fundamentais, como a reforma dos estatutos — que será feita neste ano. Além disso, outro ponto é enfatizado por ele, com especial atenção: a criação e participação dos ex-alunos, através da criação de associações. A dos ex-alunos de Direito está nascendo do encontro da primeira turma, e Heitor Regina comenta:

— "A universidade não pode prescindir da potencialidade notável da experiência dos ex-alunos". Cita que nos países da Europa, além dos Estados Unidos, o cidadão nunca se desliga da universidade onde estudou, e acrescenta: "Quanto mais esse ex-universitário progride, mais pode ajudar a sua universidade. Isso faz parte da cultura dos povos".



Regina, de aluno a reitor



Há 25 anos, os primeiros advogados formados em Campinas